

HISTÓRIA ORAL: UM IMPORTANTE INSTRUMENTO PARA O TRABALHO COM GÊNERO E HISTÓRIA DA CULTURA AFRO – BRASILEIRA

ORAL HISTORY: AN IMPORTANT TOOL FOR WORKING WITH GENDER AND HISTORY OF AFRICAN-BRAZILIAN CULTURE SUMMARY

Fábio Liberato de Faria Tavares*

RESUMO

Este relato de experiência de ensino pretende demonstrar as possibilidades de uso da história oral como instrumento viável de combate ao racismo no ambiente escolar, mas especificamente entre jovens de 11 a 15 anos de comunidades pobres, as grandes vítimas do preconceito racial e econômico. Também objetiva discutir questões relacionadas às mulheres e à cultura afro-brasileira, em consonância com a lei 10639/2003, pois estas ainda são vítimas de preconceitos, mesmo dentro de comunidades pobres, alimentados pela mídia, pelo senso comum e também por interpretações religiosas. Todos esses precisam ser debatidos, cabendo a mobilização dos profissionais envolvidos na educação de nossas futuras gerações a construção de uma sociedade mais justa.

PALAVRAS-CHAVE: História oral, Gênero, Cultura afro - brasileira.

ABSTRACT

The experience report aims to demonstrate the possibilities of use of oral history as a viable combat racism in the school environment instrument, but specifically among youth 12 to 15 years of poor communities, the main victims of racial and economic prejudice. It also aims at empowering women and african-Brazilian culture in line with the law 10639/2003, as these are still victims of prejudice even within poor communities, fueled by the media, by common sense and also religious interpretations. All these factors are strong, fitting the mobilization of professionals involved in the education of our future generations in building a fairer society.

KEYWORDS: Oral history, Gender, Afro-Brazilian culture.

* Mestrando em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Professor da Rede Pública Municipal de Lagoa Santa-MG. Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Em minha pesquisa de mestrado, analiso a entrada das mulheres no curso Técnico de Química da Escola Técnica de Belo Horizonte (ETBH) na década de 1960 e utilizo entrevistas com ex-alunas do curso como a principal fonte do trabalho. Essa escolha se deveu ao fato de que o trabalho com a história oral permite que sejam compreendidos os valores coletivos que levaram essas mulheres a buscarem uma formação na Escola Técnica numa área que não era tradicionalmente feminina. Além disso, possibilita a construção de uma história mais democrática e consciente, ao dar voz a quem normalmente não a teria, pois quebra uma noção positivista da História que ressalta as grandes figuras.

Tem também a função social de elevar, em muitos casos, a auto-estima dos entrevistados na medida em que eles percebem que as lembranças e os conhecimentos que eles trazem possuem relevância. Outro fator que foi levado em consideração na escolha da história oral foi o fato de que os acontecimentos estudados são relativamente recentes, assim, uma análise somente com documentos do período não seria suficiente para responder as questões em aberto.

Esta metodologia também permite a criação de uma multiplicidade original de pontos de vista, e o domínio da evidência até onde ela se mostrar necessária. A credibilidade da história oral é a mesma de um documento escrito, pois: “a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas e visuais. O que interessa em história oral é saber por que o entrevistado foi seletivo, ou omissivo, pois essa seletividade com certeza tem o seu significado” (THOMPSON, 1992, p. 18).

UMA REALIDADE ALARMANTE

Na comunidade onde trabalho, mesmo sendo humilde e com alta concentração de alunos negros e mulatos, é muito comum ouvir comentários racistas dos alunos, mesmo de mulatos, com relação aos seus colegas negros. Mesmo com uma abordagem dos conteúdos de cunho anti-racista, ela não tem ajudado a eliminar o preconceito dos alunos, a maioria com idade entre 11 e 15 anos. No entanto pude observar (com base no meu trabalho sobre as mulheres da Escola Técnica) que talvez a história oral possa trazer grandes contribuições na superação de preconceitos com a cultura afro-brasileira, que estão arraigados na nossa sociedade.

É um fato facilmente constatável que há uma “cegueira” quanto à cultura africana no ensino brasileiro, mesmo dez anos após a aprovação da Lei 10639/03. O que prevalece ainda é uma visão eurocêntrica e preconceituosa sobre a cultura africana e sua presença no Brasil. Uma ideia muito comum, que eu já notei ao dar aulas para jovens do 8º e 9º ano, é a da “estupidez dos negros” ao permitirem a escravização pelos europeus. Esses alunos desconhecem o poderio militar dessas civilizações africanas (basta lembrar da dominação da Península Ibérica pelos mouros por mais de 700 anos) e também mostram o desconhecimento dos instrumentos de dominação, a adaptação a situação e o fato de que na África já existia um complexo sistema de escravização. Milhões de africanos foram mandados como escravos para regiões como o Oriente Médio séculos antes da chegada dos portugueses, e esta situação perdurou até o século XX. É importante também deixar claro ao aluno que, apesar de já existir um dinâmico comércio de escravos na África, ele foi potencializado pela intervenção europeia, e que a escravidão africana em muitos casos não envolvia a questão financeira, mas questões religiosas ou de cumprimento de penas por crimes cometidos.

É muito comum, também, desvalorizar os conhecimentos dos africanos. O que mostra o desconhecimento de povos da África Atlântica de exploração e de confecção de produtos que tinham ouro como matéria prima. Além de conhecimentos na agricultura, artesanato, medicina e confecção de objetos com ferro. Todas essas técnicas não eram dominadas por portugueses e espanhóis. Eles aprenderam e difundiram essas técnicas, e essa difusão em muito se deu através dos escravos, como no caso brasileiro.

Algo que é gravíssimo, e que também tenho percebido, é que o sentimento de superioridade que os alunos mestiços sentem com relação aos negros esconde, na verdade, um ressentimento desses jovens, que se sentem num patamar inferior que os colegas pretensamente brancos. Isso demonstra como esses jovens têm entronizados sentimentos de distinção alimentados desde a colonização e potencializados por intelectuais do final do século XIX e início do século XX como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Oliveira Viana e mesmo Gilberto Freyre de que seriam uma espécie de “meio caminho andado para a civilização”. E, o lamentável é que não só os professores como a direção da escola se omitem quando percebem situações como essa. Quando a situação não é ignorada (o que se constitui a regra), a direção realiza apenas uma conversa com os envolvidos, como se isso fosse capaz de resolver um problema enraizado em nossa sociedade há séculos.

Como levantou Oracy Nogueira em 1954, o racismo brasileiro é de marca, ou seja, está concentrado nas características fenotípicas dos indivíduos. Isso torna ainda mais importante a valorização da riqueza cultural africana, que pode se dar não só com a exibição de filmes, gravuras, livro didático ou o trabalho com documentos em sala de aula, mas também com entrevistas com moradores de comunidades pobres, a maioria afrodescendentes. Estes trazem consigo conhecimentos transmitidos de forma oral e que tem a sua origem na cultura africana como o fabrico de objetos ou receitas caseiras de medicamentos. Além disso, a cultura religiosa (que tenho notado na fala de alguns alunos vem sendo duramente atacada por movimentos neo - pentecostais) pode ser valorizada através de entrevistas.

Acredito que o uso de história oral teria os mesmos efeitos positivos que vem ocorrendo no meu trabalho com mulheres. Pode também proporcionar aos alunos e a comunidade na qual eles estão inseridos a percepção de que povos “sem escrita” (entenda-se, povos que não seguem o padrão euro-asiático de escrita) não são povos sem cultura e destruir a ideia nascida no século XIX de que o documento oficial é a única “prova fidedigna” de uma suposta “verdade histórica”. Apesar das mudanças pelas quais a História já passou desde o surgimento dos Annales, essa concepção ainda é recorrente, pois ela foi usada pelos europeus para deslegitimar a história de povos africanos e indígenas durante a colonização e permanece viva no senso comum. Dessa forma, a história oral pode apresentar para os jovens e para as suas comunidades que a cultura oral tem tanta validade quanto à escrita.

O trabalho de valorização da cultura afro-brasileira no ensino fundamental é muito importante, pois o momento atual como defendeu Stuart Hall (2001) é de descentramento das identidades, até então baseadas no discurso da razão iluminista. O surgimento de identidades abertas, fragmentadas, descentradas e contraditórias pode abrir caminho para a construção de novas, descoladas do molde eurocêntrico, e que favoreça grupos que ficaram por muito tempo escondidos por uma ideia de identidade nacional homogeneizante que tinha como objetivo o controle e a legitimação das desigualdades.

CONCLUSÃO

A escola, lamentavelmente ainda é um local que pode ajudar na perpetuação das desigualdades dependendo de seu projeto pedagógico. Entretanto, projetos envolvendo

história oral poderiam ajudar a quebrar um pouco esse papel, pois faria com que os alunos e suas comunidades valorizassem os conhecimentos que trazem consigo. Outro fato que sem dúvida atrapalha na transformação do ambiente escolar num espaço mais democrático é a própria formação que os professores recebem nas faculdades. Apesar de algumas alterações, ela ainda é basicamente eurocêntrica.

A história oral pode se colocar também como outra opção além do livro didático, que apesar das mudanças que vem ocorrendo, ainda são feitos a partir de visões eurocêntricas, com breves capítulos sobre os reinos de Kush ou Axum. Isso sem contar a ainda presente situação do negro que é representado como se fosse minoria, ou de sua cultura que frequentemente é folclorizada. Com o uso deste método, poderia, também, haver a contribuição para a construção de projetos interdisciplinares, ou mesmo com a interculturalidade (PALANCA, 2001), pois permite não só o respeito e o conhecimento, mas também a entrada particular de cada sujeito na sociedade.

Em sala de aula talvez fosse interessante montar, com a participação dos alunos, um roteiro com perguntas e respostas para a entrevista. Isto poderia causar reflexões e levantar problemas sobre o assunto. Após essa primeira parte, a entrevista seria feita com a participação de todos os alunos. Desse registro poderia ser desenvolvido outro trabalho, como a transcrição pelo menos parcial da entrevista e a sua discussão em sala.

Entretanto, neste momento não é possível viabilizar este projeto. O motivo é devido ao fato de a escola não ter verba para a compra de equipamentos como um gravador e câmera com a qualidade necessária para o trabalho. Além disso, a cidade passa por um processo de instabilidade política causada pela cassação do prefeito, seguido de sua volta através de liminar. Vários investimentos foram congelados, tendo em vista o momento de incerteza que a cidade vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PALANCA, Diana de Vallescar. Consideraciones sobre la interculturalidad y la educación. In: HEISE, María. (Org.). *Interculturalidad, Creación de un concepto y desarrollo de una actitud*. Lima: Inversiones Hatuey S.A.C., 2001. p. 115-136. Disponível em:

http://www.casadelcorregidor.pe/d-interes/_biblio_De_Vallescar.php Acessado em: 04 ago. 2013.

THOMPSON, Paul Richard. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALENTIM, Silvani dos Santos; PINHO, Vilma Aparecida de; GOMES, Nilma Lino. (Orgs.). *Relações étnico – raciais, educação e produção do conhecimento: 10 anos do GT 21 da Anped*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

Experiência de ensino recebida em março de 2014. Aprovada em junho de 2014.